

A NARRATIVA DO GOLPE: DE JUNHO DE 2013 À DECADÊNCIA DO LULISMO E DO PT

Raphael Tsavkko Garcia¹

Para o Partido dos Trabalhadores, o *impeachment* é o melhor dos mundos. Livram-se da impopular Dilma Rousseff e ganham uma mártir, conseguem a chance de unificar a esquerda - e de posar de esquerda - se opondo pontualmente a alguns projetos do Temer (e que, quando no poder, apoiaram e impulsionaram) para, em 2018 voltar, quem sabe até aliados ao mesmo PMDB. Não seria surpresa alguma, afinal o PT esteve aliado ao PMDB, PSDB e DEM em quase 1/3 das cidades brasileiras nas últimas eleições. O discurso ou narrativa do golpe é para consumo da militância e da esquerda ampliada, mas não passa disso: discurso ou narrativa (fiquemos com o segundo termo para futuras referências).

O uso do termo golpe foi melhor delineado por Elio Gaspari², para quem pode ser entendido no sentido vocabular, não como “golpe” no sentido jurídico:

Não é um golpe à luz da lei, mas nele há um golpe no sentido vocabular. O verbete de golpe no dicionário Houaiss tem dezenas de definições, inclusive esta: “ato pelo qual a pessoa, utilizando-se de práticas ardilosas, obtém proveitos indevidos, estratagemas, ardil, trama”.

As ações petistas pós-*impeachment* deslegitimam qualquer defesa séria da tese do golpe. Em diversas cidades e estados (como Minas Gerais) as alianças do PT com o PMDB e outros partidos “golpistas” não foram afetadas. Oras, como pode o partido que diz sofrer um golpe continuar aliado aos tais golpistas? Movimentos alinhados ao PT já começaram a negociar com o governo... ilegítimo - dando-lhe legitimidade.

Na prática, o “golpe” pouco alterou a política brasileira. Não tivemos quaisquer prisões políticas ligadas ao evento (mas tivemos prisões políticas durante protestos contra os governos do PT, PSDB e outros, em nível estadual e municipal, tivemos prisões por “terrorismo” com lei aprovada pelo PT, etc), não tivemos nenhuma quebra institucional notável, sequer a política de governo se alterou significativamente. Estamos diante de um governo de continuidade em quase todos os aspectos possíveis.

¹ Raphael Tsavkko Garcia – tsavkko@gmail.com. Graduado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e Mestrando em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero – FCL.

² <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2016/06/1786670-ha-golpe.shtml>

O PT mereceu a rasteira que levou. Trabalhou ativamente por isso. A população brasileira é que não merece. E ninguém aprendeu nada. Estão/são todos aliados³. Todos tomam cafezinho juntos e enxugam as lágrimas falsas uns dos outros. Muito importante para entender e desmascarar a narrativa do golpe é trabalhar com a suposta falta de legitimidade de Michel Temer.

E quando digo “todos”, me refiro também, com pesar, à esquerda, que aderiu com gosto e vontade à narrativa pese todos os anos de pressão e repressão nas mãos do PT.

Vamos lembrar que durante anos gritar “golpe” era quase um esporte, uma diversão para a militância petista quando acuada e precisando apelar para a esquerda tentar salvar um governo francamente de direita com lampejos liberais. A narrativa não é nova, pelo contrário, ela apenas encontrou um campo mais fértil (ou um momento propício) para se enraizar.

O que define um golpe não é legitimidade, mas legalidade, e o processo de *impeachment* foi absolutamente legal (ao menos dentro da legalidade esperada em um país como o Brasil), mas não podemos considerá-lo legítimo por diversas razões que vão desde o fato do vice-presidente (Temer) ter incitado e organizado o processo, uma clara traição frente ao PT e a Dilma, até o fato do congresso nacional em si, envolvido em inúmeros escândalos de corrupção - dos quais a Lava Jato é só mais um - ter pouca ou nenhuma legitimidade sequer para funcionar e legislar em nosso nome.

Por outro lado não podemos nos esquecer que o programa adotado por Dilma foi o derrotado. Em muitos aspectos se assemelha mais ao que Aécio propôs do que ao que o PT prometeu durante a campanha - ou mesmo que defendeu historicamente. Neste sentido Dilma tinha tanta legitimidade para governar quanto Temer tem hoje - ele próprio parte do estelionato eleitoral petista.

Seu governo, diante do estelionato eleitoral cometido - por exemplo com a “Pátria Educadora” que se transformou na pátria dos cortes na educação e em ciência e tecnologia -, não detinha qualquer legitimidade. Estava morto antes de começar.

VALEU À PENA? JUNHO DE 2013 E A DERROTA DO PT

³ <https://medium.com/@tsavkko/brasil-pa%C3%ADs-ADs-onde-partido-que-diz-ter-sofrido-golpe-vota-nos-partidos-que-defenderam-golpe-blog-7559ad33f46#.ro2u38y65>

O PT se aliou e deu força aos conservadores. Quando a esquerda tomou as ruas em 2013, muitos petistas e aliados gritaram “vai PM” engrossando o caldo dos que chamavam os que protestavam de “vândalos” - e no período subsequente o governo criou uma máquina repressiva e de marketing para derrotar Junho tanto na narrativa quanto fisicamente⁴.

Um dos aspectos cruciais da narrativa do golpe é a de que Junho de 2013⁵ seria o ponto de inflexão que levou à um recrudescimento do conservadorismo no Brasil. Junho se iniciou como um movimento francamente de esquerda, atrelado ao MPL e ao direito ao passe livre e contra a privatização dos transportes e o aumento das tarifas.

Uma revolta popular que foi tomando força e se espalhando pelo país. Tinha tudo para ser mais uma das séries de mobilizações sociais de esquerda que têm seu momento (ou *momentum*) e depois desaparecem, tendo conquistado algum avanço ou ao menos imposto uma pauta.

O ano de 2013 se mostrava um fio de esperança - e também se inseria em um “momento global” de lutas e revoltas⁶ - não só para a esquerda, mas para setores progressistas da classe média e até para setores de uma certa direita liberal com pautas sociais mais progressistas. O seu esmagamento pela força da repressão policial acabou por radicalizar à direita setores menos politizados que adotaram um discurso (fácil) de ódio ao PT e que foram abraçados por figuras já estabelecidas da extrema-direita brasileira, como Bolsonaro, Feliciano (este que foi aliado do PT), dentre outros.

A violência política absolutamente inaceitável que se seguiu às manifestações acabou por amplificar as mobilizações que, uma vez vitimando pesadamente jornalistas, fez com que a maré virasse e mesmo a mídia ficasse ao lado dos que se manifestavam. A violência foi o divisor de águas e foi usada indistintamente por governos tucanos, petistas e por aliados de ambos.

Mudada a maré, os protestos, que já possuíam um caráter difuso, acabaram por ver suas pautas alargadas e mesmo apropriadas por diversos grupos que passaram a ir às ruas. A partir deste ponto não havia mais controle. Setores de direita passaram a participar das manifestações, culminando em episódios de violência, como em São Paulo, em que membros de partidos de esquerda foram agredidos pela turba.

⁴ <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/552801-vertigens-de-junho>

⁵ <https://www.opendemocracy.net/democraciaabierta/bruno-cava/crise-brasileira-junho-de-2013-n-o-aconteceu>

⁶ <https://www.opendemocracy.net/democraciaabierta/bernardo-guti-rrez-gonz-lez/a-m-rica-latina-de-la-cosmopol-tica-la-tecnopol-tica>

Em resumo, Junho foi um momento único, difuso, de múltiplas pautas e, pese ter sido iniciado e mantido pela esquerda, foi também apropriado por outras tendências políticas. Mas não pode, de forma alguma, ser responsabilizado pelo resultado das urnas. Tenho insistido no caráter progressista, que foi hegemônico nas manifestações e que em muitos lugares acabou sobrevivendo por pelo menos um ano e desembocado nos protestos anti-Copa pelo país. Tivemos contradições, sem dúvida, mas o caráter progressista foi dominante.

Acrescento ainda que vejo muitos pontos em comum entre os protestos de Junho e o movimento dos Indignados, na Espanha. São muitas as semelhanças, a contar pelo caráter difuso e pela multiplicidade de atores e, agora, pelo crescimento, enquanto reação, dos conservadores nas eleições imediatamente posteriores às grandes mobilizações.

No Brasil, como na Espanha, os conservadores reagiram às massas nas ruas e obtiveram significativas vitórias. O Brasil não está isolado. Na Espanha houve, posteriormente, o surgimento de uma nova força política, o Podemos. Resta saber se o Brasil seguirá com a formação de uma ou várias novas forças ou mesmo se seguirá o caminho do fortalecimento da esquerda já institucionalizada.

Junho prenunciou ou desvelou um tremendo cansaço da população com a política tradicional, mas o problema vai além. O PT se tornou em muitos lugares partido de caciques, no Rio conta com milicianos e por lá o partido passou anos apoiando a máquina trituradora do PMDB. Não podemos esquecer do apoio do PT a candidatos a de partidos aliados (Katia Abreu, Collor, etc), assim como coligações com partidos duvidosos, além de um esgotamento natural do lulismo, que não conseguiu ser sustentando por Dilma, tanto por questões econômicas, quanto por sua total falta de carisma e habilidade política.

O PT não pode, hoje, se fazer de inocente. Contribuiu imensamente para o crescimento da bancada conservadora. A maior parte dos fatores me parecem ter a mesma origem, que é o lulismo de coalizão empurrando o partido inexoravelmente para a direita e mesmo o apoio a indivíduos de direita e até de extrema-direita.

A direita fascista sempre existiu e esteve por aí, mas penso que conseguiu sair do armário com força total por ter tido o caminho aberto pelo PT. Acabou o solo ético, acabou a média, tudo está permitido, é a mensagem que a degeneração do PT passa. O PT era o partido da ética, era a média ou pelo menos o chão, o solo ético. A partir do momento em que o PT passou a adotar o discurso malufista do “rouba, mas faz” e do “os outros fazem também” aquela barreira ética ruiu. Temos de nos perguntar: onde estavam

os fascistas que hoje protestam com ódio contra o PT chegando à beira da violência e exigindo volta da Ditadura? Ou ainda melhor, porque não estavam tão aparentes, tão “saidinhos” quanto hoje? E para responder isso é preciso olhar para o PT e o que ele causou na sociedade.

O lulismo aliado a conservadores evangélicos, avesso à regulação da mídia e a frear discursos de ódio, acabou criando um campo propício para que o ódio e o conservadorismo se espalhasse. Dilma e seus discursos contrários à criminalização da homofobia e seus recuos em programas de direitos humanos para minorias ou seu recuo na regulamentação do aborto contribuíram para reforçar o discurso conservador. Não inibir tal discurso ao mesmo tempo em que incentiva apenas o consumo inconsequente e enquanto, ainda, obedece às ordens dos conservadores, contribui para fortalecê-los (o que é óbvio, menos para o eleitor petista fanatizado e para o próprio PT).

Não significa negar que exista um antipetismo de direita, um ódio (irracional) à esquerda - mesmo que imaginada ou idealizada -, porém seria uma resposta muito fácil apenas apontar para a direita como um caso de sucesso esquecendo o retumbante fracasso representado pelo PT enquanto impulsionador de pautas sociais e de esquerda.

Já nas ruas, o saldo de 13 anos de PT foi a de cooptação e neutralização de movimentos sociais⁷. E o preço a ser pago é alto. CUT, MST e UNE sumiram do mapa, novos movimentos surgem, como os secundaristas, mas são incapazes (ainda?) de ocupar tantos buracos deixados. A criminalização dos protestos em 2013 e durante a Copa do Mundo denunciaram de forma inequívoca a completa falência do PT enquanto aglutinador de lutas populares - pelo contrário, mostrou o PT como apenas mais um dos inimigos, mas com um poder maior de cooptação.

Com Dilma não restou absolutamente nada das pautas de esquerda do PT de outrora, mas apenas rescaldo de péssimas decisões passadas, aliado à incapacidade política total e a prisão imposta pelas alianças feitas ao longo dos anos. O PT não apenas abandonou as pautas de esquerda, apostando apenas em assistencialismo e incentivo ao consumo, ao contrário de cidadania, como também engessou e mesmo neutralizou movimentos de esquerda, como o MST, a UNE, UBES e sindicatos e centrais, como a CUT, que há muito deixaram de ser movimentos e organizações populares e classistas e se resumem a marionetes do governo e do PT

⁷ http://www.brasilpost.com.br/raphael-tsavkko-garcia/o-pt-lula-colhe-o-que-plan_b_9390822.html

Qualquer resquício de esquerda que ainda existia no PT foi pelo ralo em 2013, quando militantes do partido gritavam “vai PM” diante da brutal repressão policial e lideranças do partido tentavam (e seguem ainda hoje) impor a narrativa de que a esquerda nas ruas era golpista ou, na verdade, era apenas uma nova direita.

IMPLOÇÃO E TENTATIVA DE RETOMADA

Em 2013 amplos setores da esquerda eram considerados “golpistas”, o que se insere na narrativa petista do golpe que é muito anterior ao *impeachment*, mas já era algo gritado e “denunciado” nas redes sociais e por canais oficiais do partido sempre que o partido era pego em algum escândalo de corrupção ou apenas precisava manter o controle sobre um ou outro movimento social menos passivo há anos.

O *impeachment* foi apenas a “realização” da (auto)profecia petista. E resultado direto de suas ações: De um lado um processo de repressão à movimentos sociais aliados à imensas doses de cooptação e uso da força e peso político desses grupos cooptados contra o resto da esquerda não alinhada com direito à imposição de uma narrativa do medo (do golpe, da derrota, da volta da direita, do “mal maior”, etc) jogando nas costas da esquerda qualquer possível retrocesso que não viesse do próprio PT - “sem o PT será pior”, “com a direita no poder veremos tudo retroceder” ou ainda “com a direita iremos perder as conquistas alcançadas”.

Do outro lado, uma aliança carnal com a direita em suas formas mais repulsivas (evangélicos fundamentalistas, homofóbicos e caçadores de verbas, além de coronéis e caciques regionais como o clã Sarney, Collor ou os Barbalho) aliado à políticas escolhidas a dedo para agradar ao máximo tais grupos (além de ruralistas, por exemplo) que levaram à uma regressão em diversas áreas sociais, a um crescimento assustador do conservadorismo e do fanatismo religioso, e, no fim, à própria queda do PT que já não era mais necessário para gerir a terra arrasada - por eles próprios.

Lula foi capaz de sustentar uma política de migalhas para o povo como forma de apaziguamento e garantia de lucros e benesses para os mais diversos e retrógrados setores da elite, uma política de toma-lá-dá-cá que ele soube executar com maestria - com direito a um Mensalão como garantia para que tudo corresse nos conformes.

Dilma, porém, se mostrou uma política inábil, incapaz de dialogar com movimentos sociais, mas sempre disposta a ceder à banqueiros e ruralistas. Porém, quem muito cede acaba perdendo a noção de limites e uma hora a casa cai. Sem grande

habilidade política e já enfrentando sinais de crise, diminuir ou cortar verbas que garantiam o apoio de aliados era algo impensável - e a Lava Jato chegou como um furacão.

Todas as condições para uma tempestade perfeita estavam dispostas na mesa, em um tabuleiro de xadrez no qual o PT e Dilma se mostraram aquém do desafio. O “golpe” é o resultado da falência ideológica, política e econômica de uma presidente fraca, de um partido sem liderança ou capacidade de inovar, já acostumado com o poder e pensando ser eterno aliado a uma direita sedenta por voltar ao poder com total controle, sem precisar de intermediação.

Os programas sociais estavam colocados, as formas de garantir um apaziguamento social estavam funcionando, não era necessário um intermediário. E a corrupção endêmica do governo (e de seus aliados) era um algo bom demais para não ser usado.

O MST não luta mais pela reforma agrária, a UNE/UBES não luta mais pelos estudantes (e isso até antes do PT chegar no poder), a CUT esqueceu quem são os trabalhadores.

A agenda é apenas a de ajudar na sustentação do projeto de poder do PT.⁸

Razões para a deposição de Dilma existiam, o clima era propício em todo o país, as forças capazes de “segurar a onda”, como sindicatos, centrais, movimentos sociais, passaram tanto tempo sob controle, com uma coleira, neutralizados, que não foram capazes de oferecer um grande desafio e muito menos de convencer a população de que o *impeachment* era uma ideia ruim.

O *impeachment* foi reflexo de um péssimo governo, de escassa habilidade e capacidade política após terem cedido por anos até o limite do insustentável - e que encontrou um mínimo de legalidade para seguir adiante - além de um STF em sua maioria absoluta nomeada pelo PT⁹ para garantir essa legalidade. Sem mais poder de barganha, sem as ruas, tendo se colocado por anos ao lado da repressão e da violência policial e militar (com ocupações em favela, por exemplo), o PT se viu encurralado e, por fim, perdeu a batalha.

Lula sempre foi a maior liderança dentro do PT. Nos anos 90 sua figura foi crescendo na medida inversa em que a vida interna do partido foi morrendo.

⁸ http://www.brasilpost.com.br/raphael-tsavkko-garcia/o-ptlula-colhe-o-que-plan_b_9390822.html

⁹ <https://www.facebook.com/jsilvadias/posts/10201435716771863>

Ao chegar ao poder sua figura acabou se tornando maior do que o PT e surgiu o fenômeno de uma militância lulista e não mais petista.

Com o lento naufrágio do PT (a meu ver irreversível), sobrou apenas a figura de Lula para se agarrar¹⁰.

O Lulismo se viu contra a parede, lutando para se manter uma força apesar de Dilma, apesar do *impeachment* e apesar do próprio PT - e uma possível prisão de Lula, envolvido em escândalos de corrupção e na Lava Jato não ajuda a perpetuar o mito ou manter viva sua ideologia.

Os partidos “socialistas” europeus são o guia que o PT seguiu. E que o PSDB tinha seguido muitos anos antes - com a diferença que ao menos em questões sociais os partidos europeus seguem na defesa de minorias; do PT não se pode dizer o mesmo.

CONCLUSÃO

A narrativa do “golpe” é, como de costume quando se trata do PT, forma de culpar os outros pelos seus erros. O PT irá impor a narrativa do golpe e exigirá em 2018 apoio cego da esquerda ao Lula - caso ele não seja preso - para repetir os mesmos erros (que não são erros, é apenas estratégia). Para sustentar essa narrativa teremos brados contra a “mídia golpista”, a mesma que seguiu recebendo bilhões de reais nos 13 anos em que o PT esteve no poder e que jamais teve de temer uma reforma da mídia, porque tal ideia nunca passou de propaganda.

Depois de tantos anos por cima, mandando e desmandando, cooptando, comprando e desmobilizando movimentos sociais e apenas passando por cima de tudo e todos, os petistas desaprenderam a fazer política. Não conseguiram comprar uma saída, não conseguiram cooptar, não conseguiram roubar a bola, então xingaram, atacaram, ameaçaram e, no fim, perderam.

Fora do poder seguem incapazes de achar soluções para seus problemas. Precisam da esquerda, mas seguem aliados à direita, ameaçam, fazem chantagem, tentam resgatar a narrativa do “mal maior”, não pensam sequer na possibilidade de autocrítica. Esta, quando vem, começa sempre com “porém”, com “mas”¹¹, como se seus erros fossem erros dos outros, uma necessidade imposta pela realidade, algo inescapável - e menor diante de todas as maravilhosas realizações do PT.

¹⁰ <https://www.facebook.com/gustavo.gindre/posts/958780414205256>

¹¹ <https://leonardoboff.wordpress.com/2016/10/01/nos-erramos-frei-betto/>

Cabe neste momento à esquerda buscar alternativas para além do PT, para além de movimentos cooptados pelo partido. Algo novo, que não tenha como foco apenas a institucionalidade, mas a vida, as ruas, os espaços comuns, a busca pelo comum através do diálogo amplo, franco e honesto.

O discurso de muitos é de que a democracia chegou ao fim em 31 de agosto de 2016, e que antes tudo estava lindo. A repressão começou ontem, antes era diferente. Os eventos de Junho de 2013 passam a ser normalizados, tratados como uma vírgula. A violência cotidiana e a total falta de democracia nas favelas (com direito a exército enviado pela “coração valente”) é mero detalhe. Foi a partir do *impeachment* que a democracia acabou. O golpe mudou tudo.

Ou superamos essa narrativa ou seremos superados pela direita. Ou superamos o PT ou nos tornaremos uma mera e fraca lembrança no curso da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAVA, Bruno. *Crise Brasileira: Junho de 2013 não aconteceu*. 2016. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/democraciaabierta/bruno-cava/crise-brasileira-junho-de-2013-n-o-aconteceu>.

FREI BETTO. *Nós erramos*. 2016. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2016/10/01/nos-erramos-frei-betto/>.

GARCIA, Rafael Tsvakko. *O PT colhe o que plantou em 13 anos. Não há espaço para solidariedade*. 2016 (atualizado em 2017). Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/raphael-tsvakko-garcia/o-ptlula-colhe-o-que-plan_b_9390822.html.

_____. *Brasil, país onde partido que diz ter sofrido golpe vota nos partidos que defenderam golpe*. Disponível em: <https://medium.com/@tsavkko/bras-il-pa%C3%ADs-onde-partido-que-diz-ter-sofrido-golpe-vota-nos-partidos-que-defenderam-golpe-blog-7559ad33f46>.

GASPARI, Elio. *Há Golpe*. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2016/06/1786670-ha-golpe.shtml>.

GONZÁLEZ, Bernardo Gutiérrez. *América Latina: de la cosmopolítica a la tecnopolítica*. 2016. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/democraciaabierta/bernardo-guti-rrez-gonz-lez/am-rica-latina-de-la-cosmopol-tica-la-tecnopol-tica>.

MENDES, Alexandre; NABACK, Clarissa. *Vertigens de Junho*. 2016. Disponível em:
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/552801-vertigens-de-junho>.

